



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento da I Cúpula Latino-Americana de Líderes de Jornais e abertura do 6º Congresso Brasileiro de Jornais

São Paulo-SP, 29 de agosto de 2006

Primeiro, eu quero, cumprimentando o governador Cláudio Lembo e cumprimentando o nosso presidente da ANJ, Nelson Sirotsky, cumprimentar todos os companheiros e uma companheira que estão fazendo parte da mesa.

Estar reunido com os senhores e as senhoras que dirigem os principais jornais do Brasil é sempre um motivo de especial felicidade e alegria para mim. Mas hoje é especial porque participamos, ao mesmo tempo, do encerramento da I Cúpula Latino-Americana de Jornais, da abertura do 6º Congresso Brasileiro de Jornais e da posse da nova diretoria da ANJ.

Digo isto porque o setor de jornais, sem o qual um país fica privado de parte importante de sua capacidade de visão, está consolidado. Da mesma forma, a própria Associação Nacional de Jornais está cada vez mais forte e atuante.

A verdade é que tudo isso ocorre ao mesmo tempo em que o Brasil vive um período histórico de plena democracia. Nossas instituições estão fortalecidas e funcionam de forma independente. Longe vai o tempo em que as liberdades individuais eram cerceadas por um Estado autoritário e tenho certeza de que a conquista da democracia é um dos motivos pelos quais nosso país, finalmente, está entrando nos trilhos de um desenvolvimento mais justo e sustentável.

Recentemente, tive a oportunidade de dizer a muitos dos senhores que minha história política deve muito à imprensa livre e independente. A publicidade que ela deu à luta pela renovação do Movimento Sindical e pela organização dos trabalhadores nos anos setenta, a despeito da censura que



ainda vigorava naquele tempo, foi fundamental para o início de um novo ciclo da história brasileira, do qual tive o privilégio de participar.

No fundo, o que esta imprensa fazia era lutar pela redemocratização do Brasil. Somos, hoje, todos filhos desta democracia. Devemos não só garantir que ela se prolongue em definitivo em nosso país, mas também cuidar para que se aprofunde cada vez mais.

Quero, portanto, aproveitar esta ocasião para reafirmar a todos vocês que meu compromisso com a liberdade e com a democracia é sagrado. Sou comprometido com a liberdade em todas as suas dimensões essenciais. Com a liberdade de expressão, em seu sentido mais amplo, seu sentido cultural, por assim dizer. E, em particular, com a liberdade de imprensa, essa ferramenta que ajudou a criar, manter e aperfeiçoar a democracia moderna em que vivemos. Nem poderia ser de outra forma. Para quem a democracia é um valor universal, a liberdade de imprensa não pode ser um valor relativo, porque a liberdade de expressão foi uma das maiores conquistas históricas da sociedade humana. E é um dos bens mais preciosos da vida social. O Estado democrático só existe, se consolida e se fortalece com uma imprensa livre.

Contamos, felizmente, com todos os dispositivos institucionais necessários para que essa liberdade nunca seja ferida. Nossa legislação impede qualquer forma de censura. O Estado tem se pautado por não causar qualquer tipo de interferência nos meios de comunicação social. E entidades como a Associação Nacional dos Jornais têm cumprido um papel fundamental, ao defender cotidianamente a liberdade de imprensa.

Em maio último, tive a oportunidade de assinar a Declaração de Chapultepec e ratificar o meu compromisso pessoal, o compromisso do meu governo e o compromisso constitucional do Estado brasileiro com a liberdade de imprensa e o direito inalienável à independência e ao livre funcionamento dos meios de comunicação.

Minhas senhoras e meus senhores,



Um dos princípios dessa Declaração de Chapultepec afirma que “a credibilidade da imprensa está ligada ao compromisso com a verdade, à busca de precisão, imparcialidade e equidade”.

Nesse ponto, ela faz coro às palavras do grande presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, que afirmava que “a influência da palavra escrita dependerá sempre da sua veracidade, e a nação pode confiar com segurança na sábia discriminação de um público leitor que, com a melhora da educação em geral, seja capaz de discernir entre a verdade e a ficção”.

O único juiz da atuação da imprensa – e nisso seguramente concordamos todos com Roosevelt e com a Declaração de Chapultepec – é a própria população. Ela, sim, consegue ver se os problemas do seu cotidiano estão ou não representados nas notícias e nos debates que são veiculados pelos meios de comunicação. E sabe reconhecer quando o jornalismo é, de fato, a grande praça pública onde sua voz pode ser ouvida.

Todos sabem que, como Presidente, sempre fiz questão de ter as portas do Palácio do Planalto abertas a todos os setores da sociedade, estejam eles contentes ou não com o meu governo, sejam eles meus aliados históricos ou pertencentes a outras correntes partidárias. A democracia implica esse diálogo plural, implica que todos – não importa quem sejam – façam ouvir seus ideais, seus sonhos, suas demandas e seus anseios e que possam por eles lutar.

Ao lançar mão de sua liberdade inquestionável para também reproduzir os diferentes pontos vista da sociedade, para dar voz aos mais diferentes segmentos sociais, para expor o contraditório e reconhecer a opinião divergente como um direito, a imprensa não ganha apenas credibilidade e público. Ela se torna a “vista da Nação”, como dizia Rui Barbosa, e permite a todos que enxerguem o que acontece longe ou perto. E é com essa vista, com essa visão, que a nação consegue enxergar os caminhos que lhe permitem dar os grandes passos históricos.

Senhoras e senhores,



A campanha pela redemocratização, pelas eleições diretas para presidente e pela defesa dos direitos individuais provou que o jornalismo tem todas as ferramentas necessárias para ser um dos principais espaços onde a população se informa, discute e avalia o passo seguinte de sua história.

O jornalismo e os jornais estão, portanto, entre as vertentes mais visíveis e cristalinas da correnteza renovadora que pode levar aos entendimentos necessários para a construção de um país cada vez mais justo e democrático.

Sei que existe, no meio jornalístico, diferentes visões sobre quais os melhores caminhos a trilhar de modo a alcançar tal objetivo comum. E é bom que seja assim. A pluralidade e a diversidade de pontos de vista são ingredientes indispensáveis para se obter uma visão abrangente dos problemas, e constituem os pressupostos de todas as democracias.

Há, contudo, algumas visões que hoje são comuns aos que sinceramente desejam dar ao Brasil a chance de ser uma nação desenvolvida, e ao povo brasileiro a oportunidade de alimentar, educar e empregar de modo digno os seus filhos.

Creio que estamos todos de acordo sobre a necessidade de aumentar os investimentos produtivos, em particular na infra-estrutura do País, de modo a acelerar as taxas de crescimento econômico.

Acredito, também, que os senhores sabem da necessidade ainda forte de investimento social, de modo a ajudar os setores menos favorecidos da população a deixar para trás a falta de alimento, moradia, saúde e educação. Há também consenso sobre a necessidade de produzirmos uma reforma política capaz de melhorar o funcionamento de nossas instituições.

O Brasil está confrontado com problemas que afetam todas as democracias do mundo. Como diminuir a influência do poder econômico nas eleições? De que forma tornar os partidos mais fortes e responsáveis? São problemas de difícil resolução, que exigem reflexão e sobriedade por parte das forças políticas e do conjunto da sociedade. E é em momentos como este que



a imprensa livre e independente se torna, mais uma vez, a praça pública para os grandes debates que antecedem e acompanham as mudanças históricas.

Senhoras e senhores,

O desenvolvimento social e econômico que o Brasil vem registrando nos últimos anos dá às empresas jornalísticas oportunidades de expansão de seus negócios e de sua participação no cenário nacional que há muito tempo não eram vistos.

Mesmo se levarmos em conta a crescente competição com os meios digitais, a circulação diária dos jornais impressos – que em 2005 foi, em média, de 6 milhões e 780 mil exemplares – mostra que ainda há muito espaço para o crescimento deste meio.

Com os índices crescentes de escolaridade, do emprego formal e da massa salarial, aliados à ascensão de um enorme segmento de nossa sociedade ao mercado de consumo, o público potencial dos jornais aumenta ainda mais. Da mesma forma, esse crescimento na renda da população aquece o mercado publicitário, tornando a economia das comunicações ainda mais fortalecida.

Digo isso porque os senhores e as senhoras têm agora um grande desafio a vencer: aproveitar este momento virtuoso de nossa economia para conquistar os novos leitores e conseguir, assim, desempenhar cada vez melhor seu papel de informar a população brasileira.

Estou certo de que a competência, a experiência e a criatividade do setor resultarão cada vez mais em soluções voltadas para este novo público, que busca encontrar nos jornais as informações relevantes e necessárias para o seu dia-a-dia, e um dos espaços onde podem exercer sua cidadania e ver os seus anseios representados.

Quero, portanto, desejar a todos os senhores e senhoras da ANJ, neste mês em que comemoramos o seu vigésimo sétimo aniversário, os meus mais sinceros parabéns.



Em especial, quero me congratular com Nelson Sirotsky e com toda a diretoria da ANJ. Estou certo de que, neste próximo biênio, vocês terão um excelente desempenho na defesa da liberdade de imprensa, na busca de soluções para o fortalecimento dos nossos veículos e na preparação do setor para o futuro promissor que ele ainda tem pela frente.

Quero desejar a todos vocês toda a sorte do mundo, e que possamos ter, cada vez mais, no Brasil, uma imprensa mais livre, com mais democracia e com mais crescimento econômico.

Muito obrigado, e parabéns, Nelson.